Cabe atentar para o fato de que neste ano de 1994 o mercado internacional não se constituiu em potencial elemento estabilizador dos preços internos. Os estoques mundiais de arroz, milho e soja se encontram nos níveis mais baixos dos últimos 20 anos. Para tanto contribuíram não só os desastres climáticos que afetaram o Sudeste asiático (seca) e o Meio-Oeste dos Estados Unidos da América (enchentes) mas também a tendência generalizada, nos países industrializados, à redução dos subsídios à produção agrícola, como conseqüência das negociações no âmbito da Rodada Uruguai. Apenas a situação do trigo parece confortável, embora a redução na disponibilidade mundial de cereais forrageiros possa vir a aumentar o consumo de trigo com esta finalidade, favorecendo um aumento de seus preços. Deste modo, uma tendência que, no médio prazo, pode vir a beneficiar o Brasil e outros países em vias de desenvolvimento, no curto prazo se torna causa de preocupação.

A decomposição do IPR em seus principais agregados — no período mais recente — mostra, em primeiro lugar, que o crescimento dos preços das lavouras superou o dos produtos de origem animal, invertendo uma tendência que se prolongava há vários anos (ver gráfico 4). No subconjunto de lavouras, destacou-se o crescimento dos preços dos produtos não atendidos pela política de preços mínimos, refletindo a recuperação dos preços de cacau, café e açúcar.

Resumindo, pode-se dizer que, na entrada do Real, a agricultura brasileira apresentou condições bastante favoráveis para o sucesso do plano: produção em expansão e preços razoavelmente contidos. Apenas no que se refere aos produtos tradicionais de exportação é que se verifica uma pressão de alta, motivada, em boa medida, pelas circunstâncias externas. Isto, se por um lado carrega um potencial de aumento de preços no mercado interno, por outro lado implica um desafogo para os exportadores. A partir de agora é necessário estar atento ao plantio da nova safra.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

FEIJÃO

Mercado sem novidades até o fim do ano

As previsões da Conab com relação ao consumo de feijão em 1994 apontam um crescimento de 4% em relação ao ano passado. O mercado, no entanto, é menos otimista. Agentes do comércio atacadista, de modo geral, não esperam um aumento no consumo superior a 1%, mesmo considerando a possibilidade de ganho no poder aquisitivo da população em conseqüência da vigência do Plano Real.

Embora seja ainda um tanto prematuro para se avaliar os efeitos do novo plano econômico sobre o consumo de alimentos, nem o mercado nem a própria Conab esperam surpresas no abastecimento e preços até o final do ano. A comercialização, tradicionalmente muito sensível às variações na qualidade e volume da oferta, reagiu às geadas que em julho afetaram as lavouras de São Paulo, mas as perspectivas para os próximos meses são favoráveis ao consumidor. O quadro de suprimento é relativamente folgado, caso se concretizem as expectativas da Conab. Neste caso, ainda restará em estoque regulador de 450 mil toneladas, o equivalente a quase dois meses de consumo.

Um destaque em 1994 é o resultado final das três safras. Se confirmados os prognósticos do IBGE, o total colhido representará um recorde histórico: cerca de 3,3 milhões de toneladas.

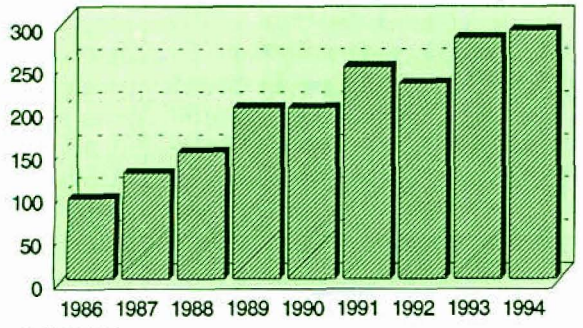
O feijão protagonizou, no ano passado, uma série de episódios que bem caracterizam a crise social brasileira: houve saques de estoques doados pelo governo federal a regiões pobres do Nordeste, notícias de apodrecimento de estoques públicos, denúncias de doações com fins de propaganda política, enfim, fatos que ganharam, com uma certa freqüência, espaços na imprensa e contribuíram para reacender o debate sobre a questão alimentar brasileira.

As doações do governo de produto pertencente aos estoques reguladores também chamaram a atenção, mas o fato de estas terem sido motivadas também pela necessidade de se diminuir o nível das reservas suscita reflexões. Uma vez que as reservas alcançavam níveis elevados em função da perceptível inibição na demanda, é paradoxal que o governo tivesse que posteriormente arcar com o ônus de doar produto à população porque esta não teve o acesso justo ao mercado. Ainda de forma contraditória, estas operações também interessaram porque aliviaram as pressões de oferta que estavam prejudicando o próprio setor rural.

As safras têm apresentado resultados modestos nos últimos anos, levando-se em conta que o total colhido em 1993 pouco difere dos patamares de 25 anos atrás. O IBGE estima que, em 1993, as três safras deverão totalizar 2,46 milhões de toneladas, o que representa uma colheita 12% menor do que a obtida em 1992.

Brasil – feijão

Evolução da safra de irrigação — mil t



Fonte: IBGE.

Parece haver uma forte correlação entre diminuição no consumo de feijão e mudança nos hábitos alimentares, associada ao processo de urbanização, o que explicaria em parte o baixo dinamismo do consumo e da produção ao longo das últimas décadas. No entanto, não se pode deixar de levar em conta que o quadro econômico desequilibrado dos últimos anos também tem afetado negativamente o consumo da leguminosa, com a respectiva repercussão no setor produtivo.

Por outro lado, um fato que chama a atenção é o aumento no rendimento físico médio das lavouras nos últimos três anos. No ano passado, a produtividade, embora ainda muito baixa, foi recorde: 643 kg/ha. Há um forte componente conjuntural a determinar este resultado, uma vez que, em 1993 houve uma drástica redução na área colhida (e em menor proporção, na produção), em função de adversidades climáticas, sobretudo no Nordeste, região que, dada a maior precariedade das lavouras, tende a "puxar" para baixo a média geral do rendimento físico. Entretanto, algumas modificações estruturais têm sido observadas no campo, o que pode também estar influenciando o paulatino crescimento da produtividade observado desde 1991. Não existem dados concretos sobre um possível esforço de modernização nas lavouras de feijão, mas alguns técnicos ligados ao produto estariam detectando este processo, ainda que de uma forma tímida e muito localizada.

No Paraná, por exemplo, principal estado produtor, têm sido registrados alguns "bolsões de tecnologia", sobretudo na primeira safra. Segundo o Deral, os produtores estariam de fato aumentando o grau de tecnologia empregado na atividade, sobretudo através de intensificação do uso de fertilizantes e maior preocupação com o tratamento fitossanitário na lavoura. Tem sido observada também a substituição por fumo neste estado, parecendo haver uma tendência à permanência na cultura do feijão dos produtores mais eficientes e com maior capacidade de capitalização, com conseqüente expulsão daqueles que não conseguem se viabilizar na atividade.

Esta modernização "forçada" na cultura tem sido visualizada com mais nitidez em São Paulo. De acordo com a Conab-SP, a queda na área de plantio no estado observada nos últimos cinco anos está relacionada ao abandono da atividade por parte daqueles produtores mais ineficientes, que trocam de cultura ou simplesmente vendem suas terras, muitas vezes transformando-se em "bóias-frias" utilizados nas colheitas da cana e da laranja, entre outras. Os que permanecem na atividade tendem a intensificar o uso de insumos (calcário, fertilizantes, e em pequena proporção, uso de sementes melhoradas) ou adotam práticas especiais de cultivo, como o plantio direto. Parece estar havendo também uma seleção por parte das instituições financiadoras da produção naquele estado de agricultores com produtividades acima de 1.000 kg/ha que, de certo modo, estaria sendo considerado o limite da exploração economicamente viável em São Paulo. Realmente, no ano passado, após cinco anos de produtividades relativamente satisfatórias na primeira safra, o estado atingiu o recorde de 1.077 kg/ha, mais do que o dobro da média histórica brasileira.

A queda na área de plantio no estado de São Paulo está relacionada ao abandono da atividade por parte daqueles produtores mais ineficientes, que trocam de cultura ou simplesmente vendem suas terras.

Será necessário um levantamento mais criterioso para determinar em que grau está ocorrendo esta seleção e modernização no campo, mesmo porque, em alguns estados importantes, como Santa Catarina, a atividade parece estar ainda "amarrada" ao esquema convencional de produção. Por alguma razão, portanto, alguns estados estariam antecipando este processo.

É de se destacar também a incorporação da lavoura aos moldes da chamada agricultura empresarial. A atração pelo cultivo por parte dos setores mais capitalizados da agricultura deveu-se à alta rentabilidade desta atividade quando associada a preços tradicionalmente favoráveis (a terceira safra veio ocupar um espaço de entressafra, entre a safra da seca e a das águas, quando os preços normalmente subiam) e alta produtividade, propiciada pela utilização de sofisticados sistemas de produção, com uso intensivo de pivôs centrais. A terceira safra vem consolidando sua posição no abastecimento, tendo crescido expressivamente nos últimos anos (ver gráfico).

ELIANA CONDE B. VIGLIO